

82.09

0482

C 92.464361



ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS



CLEIWANY DO CARMO OLIVEIRA

ENTRE TRADIÇÃO E MODERNIDADE: UMA LEITURA DE *BALADA DE AMOR AO VENTO* E *NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA*, DE PAULINA CHIZIANE

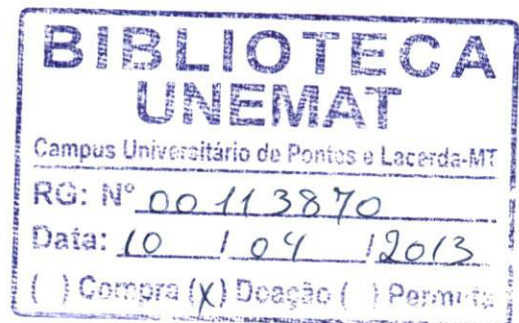
PONTES E LACERDA/MT
2012/1

CLEIWIANY DO CARMO OLIVEIRA

Entre tradição e modernidade: uma leitura de *Balada de Amor ao Vento* e *Niketché: Uma História de Poligamia*, de Paulina Chiziane

Monografia de conclusão do curso de graduação em Letras, apresentada ao Departamento de Letras da UNEMAT - Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora – Profa. Dr.^a Marinei Almeida



PONTES E LACERDA/MT
2012/1

Esta monografia foi apresentada perante a seguinte banca examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Marinei Almeida
Orientadora

Prof^ª. Dolores Scarparo
Banca Examinadora

Prof. Dr. Epaminondas de Matos
Banca Examinadora

Dedicatória

Dedico esta conquista a minha mãe, que em todos os momentos esteve ao meu lado me apoiando. Ao meu esposo que me apoiou e compreendeu os momentos em que eu não pude estar ao seu lado. A minha orientadora Marinei, que não desistiu, mesmo com as dificuldades de uma aluna inexperiente no trabalho da escrita. Ao meu querido amigo Atilio que me deu forças para não desistir nos momentos que eu mesma já não acreditava que iria conseguir concluir este trabalho e a minha avó Benedita, a estrela que mais brilha no céu, que me ensinou o Dom de Amar.

Agradecimentos

Sou extremamente grata a Deus que iluminou o meu caminho durante esta longa caminhada. A minha mãe, ao meu irmão, a minha cunhada e a toda minha família que, com muito carinho me apoiaram e não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida. Agradeço ao meu esposo Sandro, que de forma especial e carinhosa me deu forças e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades. Aos meus professores que me acompanharam durante a graduação e muito contribuíram para que eu chegasse nesta etapa final de minha graduação. Aos meus amigos e colegas que convivemos durante um longo tempo lutando pelo mesmo objetivo: o de vencer esta etapa de nossas vidas pelo apoio e incentivo constante.

Quero agradecer de forma especial a minha orientadora, professora Dr.^a Marinei Almeida, pela paciência na orientação e incentivos que tornaram possível a conclusão desta monografia. Também quero agradecer ao meu querido amigo Atílio. A este amigo: o que dizer de você ou para você? Meu companheiro dedicado, muito obrigado pela paciência, pelo incentivo que nunca faltou de sua parte, mesmo nos momentos mais difíceis você sempre esteve me dando ânimo e força para prosseguir nesta caminhada, e agora, mesmo com a distância e seus afazeres não mediu esforços para me ajudar: Meu muito obrigado, meu amigo!

A história das coisas só sobrevive
se for narrada, se o que é dito, for bem
dito.

(Hannah Arendt)

Karingana ua karingana

*Este jeito
de contar as coisas
à maneira simples das profecias
– Karingana ua karingana
é que faz a arte sentir
o pássaro da poesia.*

*E nem
de outra forma se inventa
o que é dos poetas
nem se transforma
a visão do impossível
em sonho do que pode ser.*

–
Karingana!

CRAVEIRINHA

Resumo

O presente trabalho tem como área norteadora o estudo das literaturas africanas de língua portuguesa, que apresenta uma análise das obras *Balada de Amor ao Vento* (1990) e *Niketche: Uma História de Poligamia* (2002), da moçambicana Paulina Chiziane. Neste estudo buscamos compreender os valores culturais apresentados nas obras e os questionamentos levantados acerca da questão que envolve a tradição e modernidade na (com)vivência ou não de ambos no mesmo espaço. Em *Balada de Amor ao Vento* (1990) há uma busca por uma identidade através da exposição dos valores culturais, em *Niketche: Uma História de Poligamia* (2002) essa temática é ampliada e apresenta um resgate da tradição em convivência com a modernidade. Para a realização deste trabalho, portanto, nos atemos especificamente na análise e discussão sobre alguns valores culturais como a poligamia, ritos de iniciação, lobolo e socialização, marcas tradicionais de vários espaços integrantes de países africanos.

Palavras-Chaves: Literatura africana, Moçambique, Paulina Chiziane, Tradição e Modernidade.

Abstract

The present work as area guiding the study of African Literatures in the portuguese language, which presents an analysis of the works *Balada de Amor ao Vento* (1990) and *Niketche: Uma História de Poligamia* (2002), of Mozambican Paulina Chiziane. In this study we have tried to understand the cultural values presented in the works and the questions raised about the issue that involves the tradition and modernity in the (in)experience or not both in the same space. In *Balada de Amor ao Vento* (1990) there is a search for an identity through exposure of cultural values, in *Niketche: Uma História de Poligamia* (2002) this theme is expanded and presents a ransom from tradition in harmony to modernity. For this work, therefore, we attain the specifically for the analysis and discussion on some cultural values such as polygamy, rites of initiation, lobolo and socialization, traditional brands of several spaces members from African countries.

Key Words: African literature, Moçambique, Paulina Chiziane, Tradition and Modernity.

SUMÁRIO

Introdução.....12

I- Literatura de Língua Portuguesa em Moçambique.....14

1.1 Literaturas orais e escritas pós-coloniais.....16

1.2- Paulina Chiziane e suas obras.....19

II- Entre tradição e modernidade: uma leitura de *Balada de Amor ao Vento* e *Niketche: Uma História de Poligamia*.....23

2.0 Primeiros olhares sobre os romances.....23

2.1- Conversando sobre alguns valores culturais Africanos.....24

2.1.1. Socialização.....24

2.1.2 Iniciação.....26

2.1.3. Lobolo.....30

2.1.4. Poligamia.....33

2.2. (Des) Encontros: Tradição e Modernidade.....36

Algumas palavras (quase) finais.....40

Referências Bibliográficas.....42

Introdução

Este trabalho monográfico, cujo título é “**Entre tradição e modernidade: uma leitura de *Balada de Amor ao Vento* e *Niketche: Uma Historia de Poligamia*, de Paulina Chiziane**” tem como objetivo compreender por meio da ficção, alguns valores culturais africanos, bem como sobre a questão relacionada à presença desses valores nos termos designados como tradição e modernidade. Para tal estudo lançamos mão da leitura e análise das obras *Balada de Amor ao Vento* (1990) e *Niketche: Uma Historia de Poligamia* (2002) da moçambicana Paulina Chiziane. A escolha por este *corpus* se deu por acreditar que a literatura africana por mais recente que seja é fascinante e muito tem a ser pesquisado e a contribuir para novas discussões acerca do próprio homem. Diante disso a questão que envolve a tradição e a modernidade muito nos chamou atenção, pois se trata nesses romances, de um povo inscrevendo sua história e nos mostrando a possibilidade de convivência entre a tradição e o moderno, não deixando “de lado” suas raízes e convicções.

Trabalhamos com uma bibliografia vasta, porém como carro chefe nos detemos nos seguintes autores: Ana Mafalda Leite (2003), Fabio Leite (2008), Kabenguele Munanga(1984), Octavio Paz (2003) e Walter Benjamin (1989), que muito contribuíram para este trabalho monográfico. Esses autores contribuem para melhor compreendermos os valores culturais de um povo de uma cultura riquíssima, os ritos de iniciação, lobolo e a poligamia que desconhecíamos e julgávamos sem realmente saber da significação da tradição africana que é mantida como sobrevivência da história e da cultura desse povo, bem como, compreender a modernidade que foi introduzida nessa tradição também nos chamou muita atenção e Benjamin e Paz muito nos ajudou no trabalho de análise do elemento do moderno e chegar a resposta da hipótese levantada neste trabalho sobre a tradição e a modernidade.

Este trabalho é dividido em dois capítulos, sendo o primeiro intitulado **Contextos: Literatura de Língua Portuguesa em Moçambique**, em que procuramos discutir e expor sobre os contextos em que insere obra e autora, bem como questões teóricas que envolvem o período pós-colonial, em Moçambique, período no qual está inserido o *corpus* de nossa análise. Procuramos, ainda neste capítulo trazer abordagens sobre a tradição oral, marca característica nas obras da escritora. No final deste capítulo expomos um breve resumo sobre obras de Paulina Chiziane. Esse capítulo, portanto, pensamos ser de suma importância para o entendimento dado aos valores culturais e a tradição oral no país em que filia a obra, mas também traz a importância em se conhecer a escrita da primeira mulher moçambicana a publicar romances em português.

O segundo capítulo é intitulado **Entre tradição e modernidade: uma leitura de *Balada de***

Amor ao Vento e Niketche: Uma Historia de Poligamia, nele abordamos de forma crítica os valores culturais encontrados no nosso corpus, baseando subsídios principalmente nos estudos de Fábio Leite e Kabenguele Munanga. Abordamos também nesse capítulo a questão que envolve a tradição e modernidade, sugerida nas duas obras analisadas. Buscamos compreender a possibilidade de convivência entre essas duas questões, tradição e modernidade. Também em analisar de que maneira ambas podem comparecer juntas no mesmo espaço, bem como suas consequências e ou vantagens.

Por fim seguem as **Considerações (quase) finais** por pensarmos que este trabalho não está pronto e acabado, muito pelo contrário de nossa intenção em que se centra em oferecer aos futuros leitores um caminho aberto e convidativo à pesquisa e a leitura crítica das obras da Literatura Africana.

Capítulo I:

Contextos: Literatura de Língua Portuguesa em Moçambique

Para quê recordar o passado se o presente está presente e o futuro é uma esperança? Espero que me acreditem, mas o passado é o que faz o presente, e o presente o futuro.

(CHIZIANE, 1990, p.12)

Como afirma Chiziane, nas palavras que escolhemos como epígrafe desta discussão, é o passado que faz o presente e o presente faz o futuro. Leite (2003) afirma que a consolidação da escrita de Chiziane autora de nosso corpus se dá pelo fato de fazer conhecer o passado e o presente, que se alimenta desse passado, remodelando. Então, num gesto introdutório propomos conhecer o passado da literatura moçambicana para entendermos melhor o presente. O presente desse período literário onde inscrevemos nosso *corpus* de análise é denominado de literatura pós-colonial, por ser uma escrita datada cronologicamente após a independência do país.

Moçambique localiza-se na costa oriental da África e é banhado pelo Oceano Índico, conquistou a independência em 25 de junho de 1975, faz fronteira com diversos países como Tanzânia, Zâmbia, Malawi, Suazilândia, Zimbábue e África do Sul e possui uma diversidade de etnias. Foi colonizado por Portugal e faz parte dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) que abrangem os cinco países (Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe), na África, colonizados por Portugal tendo como língua oficial o português, por isso, dever-se-á considerar que este continente possui uma diversidade linguística, principalmente nas regiões rurais e em alguns desses países o Crioulo é a segunda língua falada ao lado do português.

Moçambique junto com os outros países africanos de língua portuguesa tem uma literatura escrita ainda muito jovem. Seu surgimento aconteceu no período da colonização e tem como característica marcante a variação lingüística, característica esta que acabou se tornando um problema, pois a língua oficial de Moçambique é o português e como fazer literatura moçambicana com a língua do colonizador?

Este problema dificultou muito a consolidação da literatura nesse país, afinal existia um conflito por parte dos autores que ao mesmo tempo em que desejavam mostrar, através de sua

escrita, seus valores culturais que os identificavam enquanto “africanos” se viam frente à língua do outro, a do colonizador. Segundo Russell Hamilton (2006, p.80) o fato de o português ser o primeiro idioma europeu a se instalar na África e por ele ter alcançado o título de língua oficial após a independência, é certo que a literatura de Portugal tenha chegado primeiro no continente africano.

A diversidade de linguística encontrada em África possibilitou os portugueses de instaurar sua língua para facilitar a comunicação, pois todos falando português seria mais fácil de se comunicar e mais rápida a dominação, e a expansão do português como língua oficial contou com a ajuda dos jesuítas. Segundo Benildes Justo Caniato:

Um dos meios de difusão foi levar africanos para Portugal a fim de aprenderem o português, e depois trazê-los de volta para a África, já aculturados. (...) A língua portuguesa, na África, expandiu-se não só pelos contatos diretos, como também pelos religiosos, principalmente os jesuítas, através das escolas que foram sendo criadas e para onde afluíam africanos de diversas regiões. (2005, p.14)

Com a independência, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e as Ilhas de São Tomé e Príncipe aderiram definitivamente o português como língua oficial, porém a assimilação da nova língua não se deu de forma uniforme nesses países africanos. Em Angola “constitui-se língua materna das pessoas que vivem na zona urbana e segunda língua das pessoas da zona rural” (CANIATO, 2005, p.15). Já em Moçambique “cerca de vinte e cinco por cento da população fala português, mas a grande maioria apenas se comunica esporadicamente e de forma bastante elementar” (Idem, 2005, p.18). Para Amílcar Cabral (1969 apud CANIATO, 2005, p.15) a língua portuguesa “foi à melhor coisa que os tucas deixaram”, pois para ele a língua só era sinal de comunicação, um veículo para comunicarem-se uns com os outros e por isso não mudaria em nada a cultura deles, não iria influenciar nos costumes do país.

Moçambique possui oito línguas bantas que se distribuem em comunidades linguísticas atingindo cerca de quarenta variantes. Isto é uma prova que se tornaria impossível saber todas essas línguas para obter uma comunicação precisa entre as pessoas pelo fato de algumas comunidades não falar a língua da outra e o português acaba aparentemente por resolver esse problema.

Também é importante acrescentarmos que “através da língua portuguesa era mais fácil transmitir o conhecimento científico não permitindo assim mais atrasos para o povo africano que as línguas moçambicanas traziam por causa de sua grande variedade” (CANIATO, 2005, p.18). Um fato relevante a ser comentado é sobre o português padrão que contou com a imprensa para ser divulgado, que foi o principal meio a utilizar o português em sua forma culta.

A imprensa teve início em Moçambique com João Albasini e José Albasini que fundaram o

jornal *O Africano* em 1908 e *O Brado Africano* em 1918, e foi através dos jornais que as pessoas tinham acesso aos textos literários inicialmente escritos na língua Ronga. No final da década de 40 e início da década de 50, Moçambique passou por um processo de afirmação de sua literatura, neste período destaca-se o surgimento da revista *Msafo* fundada em 1952, seu nome tem relação com um canto do povo em língua Chope. O jornal *Voz de Moçambique* (1959-1975) foi um dos veículos mais importantes para divulgação da literatura moçambicana, inclusive diversos autores publicaram seus textos literários neste jornal. (NOA, 2008)

O fato dos portugueses terem chegado à África antes de outros europeus muito contribuiu para que a língua portuguesa chegasse o posto de língua materna de uma considerada parte da população, chegando em alguns casos ser a única língua, mas as línguas nativas continuam por serem utilizadas principalmente em comunicações do dia a dia, essas línguas nativas são mais usadas nas zonas rurais. O português acaba sendo utilizado mais em situações formais. Devemos salientar que o uso também das línguas nativas e o fato delas possuírem uma grande variação acabam por introduzir ao português alguns empréstimos, que segundo observa Benildes Caniato (2005, p.21) o português em Moçambique acaba moçambicanizando-se, como aconteceu no Brasil em que a língua portuguesa abasileirou-se.

1.1 - Literaturas orais e escritas pós-coloniais

A literatura escrita surge como um registro da literatura oral. Uma forma de documentar a tradição oral que transmite histórias antigas passadas de geração em geração. As histórias transmitidas oralmente têm importância fundamental na cultura africana, porque estas são responsáveis em conservar a memória e também funciona como valioso instrumento de registro da tradição e da história de cada povo. A partir da literatura oral o autor cria seu modelo literário, procurando não perder o vínculo com a tradição oral, de forma que a tradição sobreviva na escrita dos romances moderno.

A busca por uma literatura própria, que valorize os costumes e tradições do povo africano, colaborou para que a oralidade se tornasse característica marcante na literatura africana escrita em português. As narrativas tem sempre buscado a inserção do narrador com o contador de história aproximando fala e criação. Na tradição oral os contos, as histórias estão sempre em contato com o povo de forma coletiva e o autor moçambicano busca levar este dado coletivo para suas obras com o intuito de passar para o leitor o máximo de aproximação possível da tradição oral, pois sabemos

que por mais que os autores se esforcem em passar a realidade sem faltar nem uma informação as histórias orais para a escrita e para o português elas acabam por sofrerem algumas transformações, sabemos que a escrita não dá conta de registrar com total fidelidade a oralidade. Assim, o texto escrito acaba por transformar em uma nova escritura.

Paulina Chiziane, primeira autora moçambicana a publicar romances nesse país, também busca passar ao leitor a oralidade em seus textos escritos, mas ela enfrenta algumas dificuldades.

Segundo Havelock (1995, p.27) o que é imanente no homem é a oralidade e não a escrita, o homem aprende primeiro a comunicar-se e posteriormente a escrever. Através da fala de Havelock podemos compreender as dificuldades de Chiziane, pois a mesma é de um país de tradição oral e que se viu frente à cultura da escrita que foi introduzida pelo colonizador, além da escrita não ser algo próprio as questões referentes à língua como a diversidade de língua falada e a chegada da língua do colonizador, também contribuiu para as dificuldades, pois Chiziane não aprendeu sua língua materna na escola e sim o português, a comunicação do dia a dia, portanto, entre amigos e familiares se comunicava nas línguas nativas do país, ao passo que ouve uma mistura de línguas orais com a língua imposta pelo colonizador, o português ensinado na escola.

Denominada de pós-colonial esta fase que cronologicamente é marcada pela independência do país em 1975, como afirmamos anteriormente, é de suma importância, pois nela está inserido o corpus de nossa análise.

Conforme Boaventura Souza Santos muito mais que um marco histórico o pós-colonialismo é a fase que:

Investiga o conjunto de práticas (predominantes performativas) e de discursos que desconstruem a narrativa colonial, escrita pelo colonizador, e procuram substituí-la por narrativas escritas do ponto de vista colonizado. (SANTOS, 2006, p.233 apud. COSTA, Anais do XXII Congresso Internacional da ABRAPLI)

Esta nova fase dos países africanos de língua portuguesa fez com que as literaturas revelem novos contornos com a inserção de elementos outros da presença do colonizador, porém nessa fase revela a importância de manter a individualidade, pois cada país teve um desenvolvimento próprio, como nos afirma Santos (2006), citado acima, é o colonizado assumindo sua própria história, inserindo seus valores culturais e tradições em uma literatura própria, mesmo que na língua do outro. A literatura no período pós-independência passa a ter características próprias tendo como uma das principais características a tradição oral.

O pós-colonialismo tem como características marcantes o hibridismo linguístico marcado pela mistura da língua portuguesa com as línguas orais. Os autores moçambicanos usam o português como língua oficial, mas misturam as línguas tradicionais ao português em seus textos. O fato dos autores moçambicanos utilizarem do hibridismo linguístico como uma característica de seus textos estabelece um diálogo com as tradições e valores culturais, recuperando a tradição oral que é uma característica forte da literatura moçambicana. De acordo com Ana Mafalda Leite “A literatura tem a sua raiz na oralidade. Mesmo após o desenvolvimento da literatura escrita, a oralidade continuou a exercer influencia e a ser um elemento determinante”.(2003, p.43)

Dessa maneira, a autora que aqui trazemos não se considera uma romancista e sim uma contadora de historia.

Sobre essa nova situação instaurada nas escritas pós-independência, Ana Mafalda Leite nos diz ainda que:

Através das diferentes fases da sua tematização, desde os nacionalismos culturais até o movimento da Negritude neste século e, actualmente, em formações mais radicais como as do escritor queniano Ngugi W’a Thiongo, que reclama o uso das línguas nacionais para a literatura, contestando o uso das antigas línguas de colonização, nota-se uma tentativa constante de partilha de um sentido de identidade, perante as rupturas que o colonialismo determinou na psique africana. (LEITE, 2003, p.44)

Dessa maneira, as diversas fases que a literatura passou até a atualidade teve como base o desejo de uma literatura própria, com o intuito de consolidar uma identidade desenraizada do colonizador, trazendo características de uma identidade moçambicana.

Assim, o escritor moçambicano, neste contexto, procura em sua obra trazer traços da cultura existente em diversas comunidades, apresentando suas tradições oportunizando o leitor a conhecer sua história e também reconhecer em cada texto identidades próprias, nesse sentido a oralidade se torna um traço essencial.

Zumthor afirma que:

Admitir que um texto, num momento qualquer de sua existência, tenha sido oral é tomar consciência de um fato histórico que não se confunde com a situação de que subsiste a marca escrita, e que jamais aparecera (no sentido próprio da expressão) “a nossos olhos”. Então, trata-se para nós de tentar ver outra face desse texto-espelho, de raspar, ao menos, um pouco o estanho. (ZUMTHOR, 1992, p.35)

A oralidade transmite emoções e explicações que a escrita não seria capaz de registrar. Zumthor vem reforçar a importância da tradição oral colocando como é importante o reconhecimento de que um texto antes de ser escrito foi oral e ao passo que passamos a reconhecer esse momento na escrita passaremos a olhar além das linhas escritas em um texto, começaremos a ser leitores mais investigativos e mais críticos, buscando conhecer as jóias escondidas por trás das palavras escritas.

Como sabemos é pelo processo da oralidade que os escritores podem contar e recontar uma tradição silenciada para outra geração com o intuito de preservar seus costumes e manter vivas as histórias que os formam como sujeitos.

Além disso, a literatura moçambicana tem buscado elementos para se consolidar, trabalhando também com símbolos como a água, ar, terra e fogo que tem sido de grande relevância para a designação de imagens que possa simbolizar o desenvolvimento da literatura moçambicana. O mar na literatura africana, por exemplo, assume o significado de uma nova escrita, passa a ser símbolo de integração de Moçambique com o mundo, integra as diferenças étnicas e culturais. Também é comum encontrarmos esses símbolos como água, fogo, terra, ar em dualidade representando a liberdade o entrosamento entre mais de uma cultura no país.

Como vimos, a literatura moçambicana passou por diversos momentos para se consolidar. Este primeiro capítulo, tem como um dos objetivos mostrar alguns desses momentos de forma sucinta e objetiva para melhor compreendermos o *corpus* de nossa análise.

1.2. Paulina Chiziane e suas obras

Paulina Chiziane nasceu em Manjacaze, cresceu no suburbio da cidade de Maputo anteriormente denominada de Lourenço Marques. Iniciou os estudos de linguística na Faculdade Eduardo Mondlane, mas não concluiu. Para ela a religião é considerada um conflito, pois sua avó é de religião tradicional dos antepassados, já seu pai e sua mãe praticavam a religião cristã, a língua também causa um conflito para escritora, sobretudo pela sua variedade. Chiziane tem como língua materna o Chope, mas o fato da mesma e sua família terem mudado de cidade para conversar com os novos amigos ela teve que aprender o Ronga e na escola aprendeu o Português. Ela diz pertencer

a um grupo diferente daqueles que aprenderam o português desde a infância, ela fala um português misturado “o pretuguês” à sua língua com o português.

Bem, em casa, falava chope. Com as amigas, na rua, nos subúrbios de Maputo, tinha que falar ronga; na escola, comecei a ter contactos com a língua portuguesa e falava com muita dificuldade. (LABAN, 1992)

Chiziane teve uma vida política ativa como integrante do partido Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique), porém as decepções com o modo de agir do partido fez com que a autora desistisse da política e se empenhasse ainda mais na escrita. Iniciou a publicação de seus contos em 1984 em jornais da época, que abordavam questões políticas, sociais e os valores culturais de Moçambique. Após o lançamento de seu primeiro livro *Balada de Amor ao Vento*, em (1990), Paulina Chiziane lança o livro *Ventos do Apocalipse* (1993) que tem como tema a guerra civil de Moçambique, *O Sétimo Juramento* foi lançado em 2000 que também fala sobre os horrores causados pela guerra-civil, através da personagem Vera passamos a conhecer melhor a história da guerra civil em Moçambique. Em 2004 é lançado *Niketche: uma história de poligamia* que narra a história de Rami, casada com Tony. Ela descobre as traições de seu esposo não somente com uma mulher e sim várias de diversas regiões sendo do sul e norte de Moçambique.. Rami, então, resolve conhecer as mulheres de seu marido com o intuito de se vingar de cada uma, pois a mesma não aceitava dividir seu marido. Assim, Rami busca descobrir o porque das traições e acaba ao final por obrigar seu marido a assumir os preceitos da poligamia. Em *Niketche: uma história de poligamia* Paulina Chiziane trabalha diversos fatores como os diferentes costumes e a pluralidade cultural das regiões de Moçambique, mostrando a diferença entre as mulheres do sul e do norte. Seu último romance é intitulado *O Alegre Canto da Perdiz* escrito em 2008. Neste livro ela faz uma reflexão sobre a identidade cultural e étnica do país.

Chiziane afirma que em seus romances, busca evidenciar as tradições de seu povo de forma diferente, chama o leitor para uma conversa, seus textos dão ao leitor a impressão que estão frente a frente com ela em uma conversa sobre tradições e valores culturais moçambicanos sem muitos rodeios, assim a leitura de seus textos não é uma leitura cansativa, pois estes estão repletos de construções bem elaboradas e instigantes.

Dizem que sou romancista e que fui à primeira mulher moçambicana a escrever um romance (*Balada de amor ao vento*, 1990), mas eu afirmo: sou contadora de estórias e não romancista. Escrevo livros com muitas estórias, estórias grandes e pequenas. Inspiro-me nos contos à volta da fogueira, minha primeira escola de arte. Nasci em Manjacaze. Frequentei estudos superiores que não concluí. Actualmente vivo e trabalho na Zambézia. (CHIZIANE, 1990)

Chiziane deseja contar a história de seu povo, mostrar as culturas que se diferenciam de acordo com as comunidades, sua escrita é diferente, mostra a realidade e coloca frente a frente passado e presente, tradição e modernidade em um só livro, ela conta as histórias de acordo com seus conhecimentos, com sua vivência, uma forma de colocar mais vida em suas narrativas. Ao contar as histórias que “ela aprendeu ainda menina, quando em noites frias em volta da lareira contadas pela sua avó materna” (CHIZIANE Apud. MATA, 2000, p.14.) ela garante que o passado permaneça sempre vivo.

A luta dos autores moçambicanos pelo reconhecimento de uma identidade própria, ou melhor identidades, também se encontra na escrita de Paulina Chiziane. Suas personagens sempre estão buscando se descobrirem, ao buscar sempre a tão sonhada liberdade. Ela afirma que a identidade é um assunto muito complicado:

É uma questão polêmica. Eu própria não sei definir-me. Sou resultado de duas culturas e não consigo delimitar em mim mesma as fronteiras entre uma e outra cultura. A mistura a que estou submetida traz muita confusão na minha cabeça. Estamos sempre a falar do regresso às raízes, mas a cultura estrangeira domina, não permite tempo suficiente para o dito progresso. Falar de identidade é sempre uma coisa difícil. (LABAN, 1992)

Esse tipo de conflito é recorrente não somente nas obras dessa autora, mas em diversas outras obras que se inscrevem no período pós-independência. Tanto no período colonial como no pós-colonial os países africanos de língua portuguesa buscam recuperar suas marcas próprias. Porém se depararam com questões que atravessam essas marcas, como a mistura de culturas, línguas e costumes. Resquícios não somente da ocupação colonial, já que bem antes disso outros diálogos foram traçados com esses países. Assim, Paulina Chiziane traz a consciência dessa hibridação ao assumir sua presença em dois mundos, o tradicional e o moderno, assumindo também a dificuldade em separar essas fronteiras, pois ao passo que ela volta às tradições por outro lado a história que marca seu país e as variadas culturas que o cruzam a chama para prosseguir junto com a modernidade.

Dessa forma, Chiziane retrata os valores culturais de forma crítica ao discutir em suas obras as variadas maneiras de manifestação da tradição moçambicana, Segundo Boaventura Santos:

A literatura é, talvez, de todas as criações culturais, aquela em que melhor pode obter-se o equilíbrio entre homogeneidade e fragmentação. Não admira que estes intelectuais e, sobretudo Fanon, tenham atribuído à literatura o estatuto de instrumento privilegiado na construção da “consciência nacional” (SANTOS, 2001, p.35 apud. COSTA, Anais do XXII Congresso Internacional da ABRAPLI.)

Em um país de tradição oral a escrita vem para registrar as histórias, esse gesto, de certa maneira, é uma forma de preservar para não esquecer e o papel da literatura é esse o de garantir que as histórias sejam documentadas, a literatura tem o poder de humanizar ela procura organizar o caos, também é possível através da literatura construir uma memória coletiva.

Para finalizar este capítulo falaremos da importância do autor africano se abrir para o mundo para o moderno não deixando de lado suas raízes, Mía Couto no texto *Que África escreve o escritor africano?* (2004) nos fala que o escritor em um dado momento precisa se abrir para o mundo conhecer novas coisas, estar disponível a obter novos conhecimentos:

Explico-me: o escritor é um ser que deve estar aberto a viajar por outras experiências, outras culturas, outras vidas. Deve estar disponível para se negar a si mesmo. Porque só assim ele viaja entre identidades. É isso que um escritor é – um viajante de identidades, um contrabandista de almas. Não há escritor que não partilhe dessa condição: uma criatura de fronteira, alguém que vive junto à janela, essa janela que se abre para os territórios da interioridade. (COUTO, 2004, p.59)

Mía Couto nos detalha magnificamente o que é um escritor e o que o mesmo deve fazer para conhecer novas fronteiras, ele ainda nos diz que: “O escritor não é apenas aquele que escreve. É aquele que produz pensamentos, aquele que é capaz de engravidar os outros de sentimentos e de encantamentos.” (COUTO, 2004, p.63). E é isso que Chiziane nos faz: engravida-nos de sentimentos e encantos com suas obras.

Capítulo II:

Entre tradição e modernidade: uma leitura de *Balada de Amor ao Vento* e *Niketché: Uma História de Poligamia*

*Quando você segue as pegadas dos mais velhos,
aprende a caminhar com eles*

(Ana Maria Gonçalves. In: *Um defeito de cor*)

2.0: Primeiros olhares sobre os romances

Na obra *Balada de Amor ao Vento* (1990), *corpus* de nossa análise, a história passa-se em Mambone que fica às margens do rio Save. Ao mesmo tempo em que Sarnau, personagem protagonista e narradora, narra o que aconteceu com ela vai mostrando costumes, crenças e rituais de seu povo. Sarnau antes de narrar ao leitor tudo que aconteceu com ela indaga se realmente conheceu o amor, se ela realmente amou, e pergunta ao leitor se ele já viajou no “mundo da mulher” (p.12), pois segundo ela, isso é necessário e muito simples. A partir deste momento de reflexões e lembranças Sarnau inicia a contar sua história e desventuras. Começa por lembrar-se de uma festa de iniciação de jovens rapazes onde lá conhece o seu grande amor Mwando, que estudava para ser padre. Os dois se apaixonam e vivem uma linda história de amor, porém o padre da comunidade onde eles viviam descobre tudo e expulsa Mwando do colégio. A partir daí ele teve que viver uma vida normal como a dos rapazes de sua idade, continuava, então, a se encontrar com Sarnau, no mas com o passar dos encontros esses foram diminuindo, pois a família de Mwando era católica diferente da família de Sarnau, portanto a família de Mwando partilhava do sistema de casamento monogâmico e a família da Sarnau do costume da poligamia, por esse motivo Mwando abandona Sarnau, mesmo sabendo que ela carregava um filho seu no ventre para casar-se com uma moça escolhida por sua família. Como uma brincadeira do destino Sarnau casa-se com o herdeiro do trono de Mambone, o jovem Nguila. A obra relata em diversos momentos os valores culturais de um povo rico em costumes. Já bem no início temos a festa de iniciação de jovens rapazes, como já apontamos, no decorrer da história presenciamos os rituais para o casamento de Sarnau, também nos deparamos com os rituais fúnebres da morte do rei Zucula, bem como outros valores que são apresentados no decorrer da narrativa. Diante disso, como proposição que norteia este trabalho, discorreremos reflexivamente sobre alguns desses valores presentes na obra.

Nikecthe: Uma História de Poligamia (2004) narra a história de Rami uma mulher que é casada com Tony um oficial da polícia e possui muitos filhos, vive um casamento monogâmico de papel passado e descobre que seu marido a trai, ela entra em uma crise existencial e busca descobrir o porquê das traições, Rami deseja conhecer sua rival e enfrenta-la, ao descobrir onde mora uma das amantes de Tony Rami vai até a casa para tomar satisfação, e acaba descobrindo que Tony não tem só uma amante e sim várias mulheres do Sul e do Norte e que também tem outros filhos. Rami em um ato de desespero para não perder seu homem resolve conhecer cada mulher de seu marido e descobre que com cada mulher ele mantém uma família, para não perder seu marido Rami busca na tradição a “solução” para seu problema, resolve fazer de Tony um homem polígamo como ordena a tradição, ela consegue que Tony lobolo todas as mulheres e passe de adúltero para polígamo, Rami se torna amiga de suas rivais e junto com elas luta para melhorar a condição de vida de cada uma, e elas se tornam mulheres bem sucedidas independentes. Tony mesmo após assumir a poligamia publicamente e reconhecer suas mulheres continua a buscar outras mulheres desrespeitando a tradição. Ele junto com sua nova amante viaja para França sem comunicar sua família e por um equívoco é considerado morto, a primeira esposa após a morte de seu marido tem que passar por um ritual denominado *kutchinga*, no qual o irmão do morto passa uma noite com a primeira mulher do morto, e Rami é *kutchingada*, após o ritual Tony chega e encontra um caos em sua casa e suas mulheres contam a ele o que aconteceu. Tony torna-se vítima de seu próprio veneno ele é abandonado por suas mulheres e até mesmo Rami que o amava e para não perdê-lo se submeteu a todos os caprichos e humilhações de si mesmo, ela engravida no ritual do *Kutchinga* do irmão de Tony e também desiste de seu amor polígamo.

2.1. Conversando sobre alguns valores culturais africanos

2.1.1. Socialização

No artigo “Valores Civilizatórios em Sociedades Negro-Africanas”, Leite (2008) explana sobre seu estudo realizado sobre costumes e culturas de três sociedades da África Ocidental, que são Youruba, Agni e Senufo, sociedades essas que mantiveram e mantêm a sua continuidade histórica, seus valores civilizatórios, configurando assim o mecanismo que se manifesta na atualidade. O homem africano, segundo os costumes das tribos citadas acima, possui alguns elementos vitais como a imortalidade e o nome, mas esses elementos não são suficientes para garantir sua participação na sociedade. Um jovem rapaz precisa participar ativamente na sociedade e para que

isso ocorra é necessário passar por alguns ritos que o socialize na comunidade da qual faz parte, pois é através disso que o rapaz deixa de ser apenas homem e passa a ser um homem social.

É a partir da socialização que o homem passa da fase de criança para a fase adulta e social. No ritual o homem adquire conhecimento para se afirmar enquanto homem adulto e futuro ancestral esse ritual também serve para o aperfeiçoamento da identidade do jovem rapaz ao prepara-lo para participar dos ritos de iniciação que o tornará apto a ser totalmente integrado à sociedade. Leite afirma que a intenção do processo de socialização é:

De procurar apresentar quais são os pressupostos e ações sociais que permitem à sociedade considerar que ocorreu uma transformação suficiente da pessoa natural a ponto de torná-la social e, portanto, histórica. (LEITE, 2008, p.72)

Podemos então dizer que a socialização tem o papel de preparar o jovem rapaz para se introduzir na sociedade. Essa preparação inclui a formação da identidade do rapaz, pois a partir desses ritos ele conhece a história a cultura e os costumes de seu povo para que os siga e os respeite. Um homem considerado homem-social já pode participar da sociedade.

Outro ritual que visa à inclusão dos rapazes na sociedade é o ritual de iniciação, sobre este assunto falaremos mais adiante, aqui para uma melhor compreensão da importância da socialização vamos apenas definir a função de cada um, ressaltando que mesmo tendo a finalidade de incluir o jovem rapaz na sociedade os ritos são desenvolvidos de forma diferente.

Enquanto na socialização acontece dentro da sociedade em vários momentos e com a participação da sociedade, o ritual de iniciação acontece em um determinado local isolado, uma floresta, um bosque com a participação somente dos iniciadores.

Leite define muito bem esses dois ritos:

A socialização, com seus mecanismos interativos, abrangem a família e a sociedade, com todas as suas práticas históricas, cabendo citar uma de suas instituições, as chamadas “classes de idade” microcosmos da sociedade sintetizada na aldeia. (...) por se caracterizarem diferencialmente no tempo e no espaço e porque de certa maneira a iniciação frequentemente se individualiza fortemente, sobretudo quando é destinada à elaboração de tipos sociais especiais. (LEITE, 2008, p.73)

A família é peça fundamental na socialização, é através dela que a criança ao nascer começa a participar da sociedade. Segundo Leite as mães carregam as crianças recém nascidas nas costas assim que elas se recompõem do parto, apresentado à criança à comunidade. Todas as atividades realizadas pela mãe são feitas com a criança nas costas, caso a mãe dê a luz a outro bebe antes do fim da chamada fase dos bebes nas costas, as irmãs, tias e avós continuam a carregar o bebe

diversificando assim os estímulos sensoriais. Ocorre também a fase dos contatos físicos que vão avançando de acordo com a idade, a fase do sexo só é permitida depois de finalizada as primeiras fases da infância, a imitação, histórias e fábulas também são usadas nesta fase como técnica de socialização.

A socialização acontece primeiro para que a criança seja apresentada a sociedade, para depois, no momento em que a criança entra na fase seguinte, passar pelo ritual de iniciação que pode diferenciar quando é realizada para tipos sociais diferentes.

2.1.2 Iniciação

A iniciação é um ritual que acontece após a socialização. É um ritual que, tem como objetivo a introdução do jovem na sociedade, através dos ritos de iniciação os rapazes, por exemplo, passam a ser um homem adulto social, capaz de participar das atividades da comunidade, é após a iniciação que o rapaz é considerado preparado para o casamento.

Os ritos de iniciação têm como objetivo a transformação da personalidade do homem através de técnicas específicas, por exemplo, o ferreiro pelo fato de manter contato com a terra, o ar, o fogo e a água, nos ritos de iniciação ele cava poços profundos no intuito de extrair a matéria prima da qual sai o ferro para ter conhecimentos sobre sua nova vida. Os ritos de iniciação podem ser atípicos ou típicos, Leite define o papel de cada um:

Atípica envolve a formação do indivíduo em relação a uma atividade social, específica, como por exemplo, dentre outras aquelas referidas a ferreiros, caçadores pescadores, médicos, dirigentes de cultos a divindades e a ancestrais, adivinhos, “comedores de almas”, mágicos e, mesmo aquelas concernentes às práticas políticas, caso da iniciação prevista para o exercício de funções de governo envolvendo o rei. Essa modalidade de iniciação leva, portanto à emergência de tipos sociais diferenciados; a iniciação denominada típica que faz aparecer plenamente o indivíduo natural – social padrão por excelência e o introduz formalmente na sociedade, levando à emergência de tipos sociais não – diferenciados. (LEITE, 2008, p.79).

A iniciação ocorre em local isolado da comunidade, os jovens deixam suas famílias e seguem com os dignitários detentores do conhecimento ancestral e dos segredos e técnicas de iniciação. Estes ritos acontecem em florestas ou bosques, as provas são duras, algumas levam até a morte, os rapazes precisam passar por todas as provas para serem aprovados e considerados aptos. Se caso um jovem não for considerado apto a participar da sociedade segundo as regras ancestrais ele é eliminado. Na comunidade, onde permanece um silêncio misterioso, pois os ritos de iniciação são sagrados e não devem ser revelados. A comunidade aguarda a volta dos rapazes ansiosamente

sem saber ao certo quando eles retornam, porque os ritos podem durar diversos meses.

Os rapazes devem permanecer até o final das provas para serem considerados aptos a fazer parte da sociedade. Caso um jovem fuja do local ele é rejeitado até mesmo pela sua família, pois esse ato de fuga é considerado vergonhoso, assim também um jovem não iniciado é uma vergonha, este não pode fazer parte da comunidade. Segundo Leite:

A importância atribuída a esses processos é tão significativa que os indivíduos que não se submetem a eles são considerados, de certa maneira, como pessoas sem cidadania. Sofrem as mais severas restrições em todos os níveis: não podem estabelecer contratos de casamento e, conseqüentemente, não obtêm cessões de terra; a eles é vedada a manifestação verbal nos conselhos de família e da comunidade; ficando impedidos de participar das decisões; e não chegam a assumir funções de importância para a comunidade. (LEITE, 1995/1996, p. 5)

Um rapaz precisa ser iniciado para obter os conhecimentos necessários para a nova fase de sua vida. Nos ritos de iniciação tudo é deixado para trás, as roupas e tudo que liga a pessoa à comunidade, inclusive até mesmo os nomes são trocados. No entanto, a importância de manter a tradição é fundamental.

Uma das fases da iniciação das sociedades pesquisadas por Leite é a excisão e circuncisão que consistem na amputação prepúcio e do clitóris. Após esse ritual de iniciação o homem ou a mulher passa a ser considerado um ser adulto-social. Sobre esse assunto Leite ao citar Thomas e Luneau (1975) explica que:

A mutilação sexual, mais do que qualquer outra marca corporal, torna-se o signo manifesto de uma metamorfose, de uma transformação quase completa da pessoa na medida em que é integrada em sua sexualidade específica e procriadora. (LEITE, 2008, p.83 apud Thomas e Luneau, 1975:227-228)

Conforme Leite a ausência do clitóris e do prepúcio facilita a penetração, com isso também, segundo a crença popular, o desperdício do esperma é menor, porque ele não fica retido no prepúcio, garantindo assim uma maior possibilidade da mulher engravidar, mas o que é mais importante é a metamorfose que o rapaz passa.

Os ritos de iniciação não são algo restrito ao povo africano podemos citar aqui as tribos indígenas no Brasil, por exemplo, que utilizam dos ritos de iniciação, claro que com diferentes modos, mas com a mesma finalidade, a de preparar os jovens para a vida adulta social. Os ritos são muito importantes é através deles que tanto os rapazes quanto as moças passam a participar da comunidade com direitos e deveres. Esta fase na vida dos jovens pode ser considerada como um

casulo, que ao se abrir dá vida a uma borboleta, o mesmo acontece com os rapazes e moças após os ritos de iniciação, eles adquirem uma nova vida, deixam a fase de criança e assumem a fase adulta social de suas vidas.

A escritora Paulina Chiziane nos apresenta, no início de sua obra, o ritual de iniciação de jovens rapazes. Esse ritual como podemos observar é realizado com o objetivo dos jovens se tornarem aptos para participar da sociedade *adulta*, após os ritos de iniciação os meninos são recebidos com uma festa para comemorar a volta destes agora já tornados homens, como lemos no trecho abaixo:

Os tambores rufavam ao sinal do velho Mwalo, erguendo-se cânticos e aclamações. A porta da palhota abriu-se deixando sair cerca de vinte rapazes com aspectos pálidos e doentio, provocado pelas duras provas dos ritos de iniciação. (CHIZIANE, 1990, p.13)

A festa é necessária, pois é a chegada de novos homens que saíram do casulo e se transformaram em homens fortes adultos, prontos para a guerra, para construir família, para participar ativamente da comunidade.

É necessário que eles suportem as dores para serem considerados fortes e dignos, para serem chamados de homens e poder participar das atividades realizadas pela comunidade como adultos. As duras provas também são para que eles tenham condições de enfrentar as dificuldades que a vida possivelmente apresentará. Nos ritos de iniciação são simulados diversos momentos até mesmo partos, cada ato realizado tem um fundamento e sempre visa à construção da personalidade do jovem.

Kabengele Munanga (1984) fala da importância desses ritos e como eles podem ser uma experiência temível por causa das duras provas.

A iniciação, uma das características fundamentais da africanidade, é uma experiência que pode ser temível quando acompanhada de operações cirúrgicas, tais como a circuncisão ou excisão ou as escarificações e deformações dentárias, que constituem as marcas étnicas. Constituem-se em provas que devem ser suportadas sem queixa, pois para desfrutar dos direitos de adulto é preciso ser digno mostrar que será capaz de suportar as feridas físicas e morais que a vida inflige, as dores do parto e os riscos da guerra. A iniciação é também um ensinamento, uma escola; e isso é mais importante ainda nas sociedades guerreiras e pastorais. (MUNANGA, 1984, p.13))

A iniciação é um ritual necessário, pois ele dá ao jovem o direito de pertencer à sociedade e de usufruir dos direitos de adulto, só pode casar-se e pertencer à sociedade depois de passar pelo ritual de iniciação. Os rituais de iniciação não são restritos somente aos rapazes, as moças da comunidade passam por esses rituais como preparação para serem esposas, mães e mulher da sociedade.

Em *Niketche: Uma Historia de Poligamia* (2002), Chiziane nos traz a historia de Rami, protagonista da obra. Ela não participou dos rituais de iniciação, no entanto ao participar de uma aula com uma conselheira amorosa, Rami, explica como foi preparada e afirma que não participou de um ritual de iniciação, pois seu pai era católico. Então, a conselheira lhe diz então não pode ser considerada mulher, pois o rito de iniciação significa a passagem da fase de criança para a fase adulta.

Sem eles, és mais leve que o vento. És aquele que viaja para longe, sem viajar antes para dentro de si próprio. Não te podes casar ninguém te aceita. Se te aceita, logo depois te abandona. Não podes participar num funeral, muito menos aproximar-te de um cadáver porque não tens maturidade. Nem podes assistir a um parto. Não podes tratar dos assuntos de um casamento. Porque és impura. Porque não és nada, eterna criança.(CHIZIANE,p.38, 2004)

Esta citação reforça o que já foi dito, um homem só é homem adulto após a iniciação e a mulher também, pois é impossível que ela tenha uma família sem ter sido iniciada, a iniciação vai torná-la mulher de verdade conhecedora dos costumes e apta a casar-se e ter filhos, a iniciação também a purifica, a prepara para a passagem da fase de criança para a mulher adulta e social.

Em *Balada de amor ao vento* (1990), Chiziane envereda sobre o rito de iniciação os preparativos para o casamento de Sarnau, que é escolhida pela mãe do príncipe Nguila para ser a futura rainha, pois a moça que fora criada para ser a futura rainha era feiticeira e ao ser descoberta a rainha não permitiu o casamento com seu filho. A magia não é permitida, pois ela é praticada para fazer o mal a alguém, porém a feitiçaria de forma lícita não é proibida. Munanga reforça esta questão da magia e da feitiçaria: “Enquanto a feitiçaria pode ser aplicada lícita e abertamente, a magia ao contrário, é considerada como criminosa porque visa a prejudicar alguém”. (MUNANGA, 1984)

O fato da magia não ser permitida, fez com que Khedzi, moça escolhida desde que nasceu para casar-se com o rei fosse rejeitada, por este motivo Sarnau acabou por ser a escolhida para ser a futura rainha, os preparos para o casamento são muitos e seguidos rigorosamente conforme a

tradição de seu povo. As mães e as tias de Sarnau começam a prepará-la.

As minhas mães, tias e avós, fecharam-me há uma semana nesta palhota tão quente e dizem que me preparam para o matrimônio. Falam do amor como os olhos embaciados, falam da vida com os corações dilacerados, falam dos homens pelas chagas desferidas no corpo e na alma durante séculos. (CHIZIANE, 1990, p.44)

Neste trecho podemos perceber perfeitamente como a mulher é preparada para ser esposa, mãe, companheira e serva de seu marido. As mulheres “falam dos homens pelas chagas desferidas no corpo e na alma durante séculos”. A mulher é ensinada para ser serva fiel mesmo que a mulher amargue as feridas causadas pelo casamento, não as devem contar, as aceita com perfeita submissão e quando mais velhas ensinam as moças como devem respeitar e ser servas fiéis a seus maridos.

2.1.3. Lobolo

Lobolo é mais um dos ritos que marcam a cultura e costume de um determinado povo, uma marca da africanidade, segundo Kabenguele Munanga. Trata-se de uma prática que visa o reconhecimento matrimonial, garantindo a reprodução, estabilidade, compromisso, direitos e deveres entre um homem e uma mulher perante as famílias e a comunidade. O lobolo é o nome dado ao presente que a família do noivo (em um sistema patrilinear) oferece à família da noiva, este presente consiste em jóias, gado, capulanas entre outros presentes. Em *Balada de Amor ao Vento* (1990) Sarnau é lobolada com muitos presentes:

E chegou o momento supremo. Os oficiais do rei entram na palhota e tomam os assentos respeitosamente. Levanto um pouco o véu e espreito-os. Vestem a gala dos antepassados. Reconheço a minha cunhada. As crianças cantam lá fora, as vacas mugem furiosas, emociono-me ainda mais. Fazem-se cumprimentos e discursos; dinheiros tilintam. Coloca-se na esteira a cabaça de rapé e o pano vermelho; exibem-se peças de vestuários, pulseiras, colares. (CHIZIANE, 1990, p.38)

Além desses presentes a família de Sarnau recebeu também trinta e seis vacas:

- Sarnau, eis nos teus olhos o teu preço. Nós sabemos que vales mais do que tudo. O que aqui está não chega para pagar o amor que temos por ti. Lá fora estão trinta e seis vacas que como tu ainda não pariram. (CHIZIANE, 1990, p.38)

O lobolo é muito mais que um presente, é um respeito pela tradição, não se visa somente o lado econômico também visa a preservação de uma cultura e que ao longo do tempo vem sofrendo modificações e misturas de outras culturas e costumes diferentes. Uma mulher lobolada é bem vista pela sociedade, pode andar de cabeça erguida e participar das atividades da comunidade dignamente. Em *O Sétimo Juramento* (2000) Chiziane apresenta uma definição de lobolo:

Lobolo, do vocabulário bantu, tem uma miríade de significados. Como palavra, inspira calor e luz. Como acto, inspira dignidade, unidade, aliança e prestígio. Lobolo como palavra e como acto sempre foi mal entendido, e por isso combatido. Mas encerra dentro de si a renda e a vida. O perfume e a riqueza. É perfeito e completo. Traz mais graça que desgraça. Enquanto houver acções dignas de louvar, o lobolo persistirá.(CHIZIANE, 2000, p.90)

O lobolo é muito mais que uma quantia em dinheiro é uma cerimônia que é muito respeitada pela comunidade. Ironicamente muitos recriminam o lobolo dizendo que uma afronta a mulher e seus direitos, no entanto deve-se levar em consideração acima de tudo que o lobolo é uma cerimônia na qual a mulher é prestigiada, a mulher passa a ter todas as atenções, neste dia ela é considerada uma rainha. O problema da discriminação e o julgamento de inferioridade que a mulher enfrenta em comunidades de sistema patriarcal não está no ato do lobolo e sim no sistema que a sociedade vive. É irônico dizer que o lobolo é uma forma de comprar uma esposa, em um mundo que tudo gira em torno do dinheiro julgar uma sociedade por um ato que na verdade faz parte de um costume milenarmente respeitado é fruto do meio em que vivemos. Significa não compreender uma cultura diferente que luta para preservar seus valores e costumes.

O lobolo é um ritual que garante a mulher lobolada direitos de esposa, ter um nome, uma casa constituir uma família, de ter seus filhos reconhecidos. Em *Niketche: Uma Historia de Poligamia*, as mulheres que Toni tinha fora do casamento com Rami não tinham seus filhos reconhecidos, estes portanto eram considerados bastardos, após a obrigatoriedade que Toni teve em assumir o sistema tradicional da poligamia, Toni teve que lobolar cada uma de suas mulheres e seus filhos passaram a serem reconhecidos e ter direitos como os filhos de Rami, sua primeira e até então legítima esposa.

O ciclo de lobolos começou com a Ju. Foi com dinheiro e não com gado. Lobolou-se a mãe, com muito dinheiro, num lobolo-casamento. As crianças foram legalmente reconhecidas, mas não tinham sido apresentadas aos espíritos da família. Era preciso trazê-las do tecto da mãe para a sombra do patriarcal num acto de lobolo-perfilha, uma forma de legitimá-las uma vez que nasceram fora das regras de jogo de uma família polígama.(CHIZIANE, 2002, p.124)

A partir da citação podemos ver a importância do lobolo e o que ele significa, uma mulher lobolada tem o reconhecimento de seus filhos e o seu próprio reconhecimento. Em outro romance da mesma autora, *Ventos do Apocalipse* (2000), é mais uma vez reforçada a importância do lobolo e também reforça que o lobolo é muito mais que uma quantia em dinheiro:

No mundo dos espíritos, lobolo é uma confirmação de fé ao serviço dos mortos. Um agradecimento pelas benesses recebidas. Uma aliança entre espíritos de diferentes especialidades. (Chiziane, 2000, p.91)

O lobolo é, mais que uma simples cerimônia, é na verdade uma aliança entre família e ancestrais (MUNANGA; 2008). Em *Balada de Amor ao Vento* (1990) a família de Sarnau após ter recebido a oferta comemora o lobolo, pedindo aos defuntos Guiamba e dos Twalufo proteção e agradecendo:

Defuntos dos Guiamba e dos Twalufo, a vossa filha é hoje lobolada. O vosso sangue vai hoje pertencer à nobre família dos governantes desta terra. O número de vacas com que é lobolada é tão elevado, coisa que nunca aconteceu desde os tempos dos nossos antepassados. Alegrai-vos, cantai espíritos da terra e do mar. Recebei as ofertas que nos trazem e abri todos os caminhos da felicidade. (CHIZIANE, 1990, p.36)

Ao passo que já foram feitas as oferendas, os presentes foram apresentados, a família da noiva concorda e pede a benção aos espíritos, porque só eles podem abrir os caminhos e abençoar o casamento trazendo felicidade e prosperidade no casamento.

2.1.4. Poligamia

A obra de nossa análise também apresenta a poligamia como um dos traços culturais em Moçambique. Não somente em *Balada de Amor ao Vento* (1990) que a autora moçambicana Paulina Chiziane aborda esse tema, mas também em *Niketche: Uma historia de Poligamia* (2004), como o título já diz, trata à temática através de Rami, personagem principal e narradora. Chiziane nos dá uma definição da palavra Niketche na própria obra:

Niketche. A dança do sol e da lua, dança do vento e da chuva, dança da criação. Uma dança que mexe que aquece. Que imobiliza o corpo e faz a alma voar. As raparigas aparecem de tangas e missangas. Movem o corpo com arte saudando o despertar de todas as primaveras. Ao primeiro toque do tambor, cada um sorri, celebrando o mistério da vida ao sabor do *Niketche*. Os velhos recordam o amor que passou, a paixão que se viveu e se perdeu. As mulheres desamadas reencontram no espaço o príncipe encantado com quem cavalgam de mãos dadas no dorso da lua. Nos jovens desperta a urgência de amar, porque o *Niketche* é sensualidade perfeita, rainha de toda a sensualidade. Quando a dança termina, podem ouvir-se entre os assistentes suspiros de quem desperta de um sonho bom. (CHIZIANE, 2004, p.160-161)

Niketche é uma dança sensual da tribo Macua realizada pelas moças recém iniciadas, essa dança representa sensualidade da mulher já tornada adulta, Niketche: Uma Historia de poligamia, mostra a diversidade cultural das mulheres e a sensualidade de cada uma que provoca em Tony o desejo de ter todas elas, cada mulher de Tony vem de um lugar e tem uma característica diferente para prende-lo, *Niketche* é uma dança que provoca a poligamia desperta os desejos mais íntimos.

Em *Niketche: Uma Historia de Poligamia* (2004) Rami nos conta sua história e nos fala da poligamia e de como ela funciona em uma sociedade recente e com traços de misturas culturais. A poligamia é um costume de alguns povos de África, para melhor nos localizar vamos aqui definir as regiões que cada obra se localiza. Em *Balada de Amor ao Vento* (1990) trata-se de povos localizados em Moçambique região sul de África principalmente da área rural, já em *Niketche: Uma historia de Poligamia* (2002) o espaço tratado é o da região Sul bem como região Norte e o enredo passa-se na região urbana.

A poligamia é um sistema patrilinear, o homem pode ter mais de uma mulher, um homem com muitas mulheres e muitos filhos é bem visto pela sociedade, é símbolo de virilidade, fertilidade

e progresso. Ter muitos filhos significa que o nome da família perpetuara por muito tempo e por diversos lugares. Em *Niketche: Uma historia de Poligamia* (2002) a mãe de Tony se torna uma defensora da poligamia após saber dos casos e filhos de Tony, pois através dela seus netos poderiam ser reconhecidos, não seriam mais marginalizados e freqüentariam sua casa. No trecho a seguir podemos ver esse momento:

Os meus netos marginalizados pela lei clamam por reconhecimento. O sangue da grande família deve ser reunido na sombra da grande árvore dos antepassados. O meu filho é belo, dizia ela. As mulheres não resistem aos seus encantos. O meu filho tem sangue forte, em cada contacto produz um filho. O meu filho é um rizoma. É bambu. Estende-se pelos campos, alastra-se, multiplica-se. O meu filho tem destino de rei, de patriarca. O pai dele só teve poucos filhos, três apenas, mas Deus deu-nos o Tony para vingar a fertilidade da família estendendo o nosso grande nome pelos quatro cantos do mundo. (CHIZIANE, 2002, p.124)

O discurso da mãe de Tony para justificar a infidelidade de seu filho soa machista, mas ela não visa somente o bem de seu filho e sim o aumento de sua família. Como Tony mantinha perante a sociedade um casamento monogâmico e não polígamo suas mulheres e filhos fora do casamento não eram reconhecidos legalmente, por isso sua mãe se torna uma defensora da poligamia, que ela também viveu, pois era a terceira esposa de seu marido. Tony aceita a poligamia e lobola todas as suas mulheres e filhos.

Nessa obra, Rami define o que é a poligamia:

Para o homem casar de novo, a esposa anterior tem que consentir, e ajudar a escolher. (...) Poligamia não é substituir mulher nenhuma, é ter mais uma. Não é esperar que uma envelheça para trocá-la por outra. Não é esperar que uma produza riqueza para depois passar para a outra. Poligamia não depende de riqueza ou da pobreza. É um sistema, um programa, É uma só família com várias mulheres e um homem. (...) poligamia é dar amor por igual, de uma igualdade matematicamente exacta. (CHIZIANE, 2002, p.94)

A poligamia tem suas regras, mas nem sempre estas são seguidas, Tony mesmo depois de lobolar suas mulheres e se tornar um polígamo segundo as tradições não seguiu as regras e continuou a ter outras mulheres deixando de dar assistência por igual a suas mulheres legítimas, portanto, vemos que além da autora trazer para o espaço de discussão, por meio da literatura, uma

questão cultural importante em seu país, traz também críticas em relação ao tratamento que é dado a esse costume.

Em meio a críticas e ironia, em *Balada de Amor ao Vento* (1990) podemos observar como Sarnau é preparada para aceitar a poligamia, sua mãe e suas tias falam como deve se portar perante seu marido caso ele leve outra mulher para casa:

Se ele trazer uma amante só para conversar, recebe-o com um sorriso, prepara a cama para que os dois durmam, aqueça a água com que se irão estimular depois do repouso, o homem, Sarnau, não foi feito para uma só mulher. (CHIZIANE, 1990, p.43)

A mulher é ensinada a ser resignada “o homem, Sarnau, não foi feito para uma só mulher”. Nesta fala é deixado claro que o homem, ser superior, pode e deve ter outras mulheres e Sarnau primeira esposa do futuro rei de Mambone deve aceitar sem nada dizer porque esse é o dever da mulher.

Nesse romance Chiziane mostra mesmo de modo irônico e crítico um pouco da identidade de seu povo, tradições e como as mulheres podem ser resignadas em um sistema machista e de poder, no entanto mostra também como é importante os ritos culturais e respeito por eles. Vemos, então, que por mais que Sarnau tenha lutado contra infelizmente ela continuou sendo vítima do sistema em que o poder sobrepõe a cultura. Já em *Niketche: uma história de poligamia*, além de mostrar a cultura de seu povo, Chiziane, por meio da personagem Rami, propõe uma discussão crítica em relação a um sistema preconceituoso em que a mulher é considerada um ser inferior. Essa crítica é acentuada no final da narrativa em que mostra que Tony é vítima de seu próprio veneno ao acabar só, ao mesmo tempo em que cada uma de suas mulheres venceram na vida, tanto financeiramente como emocionalmente, inclusive Rami, que ele tanto humilhou e desprezou, também desiste dele. Podemos arriscar em dizer, portanto que esse romance representa um, grito de liberdade enquanto *Balada de amor ao vento* vem representar uma busca pela identidade e respeito da mulher moçambicana.

2.2. (Des) Encontros: Tradição e Modernidade

Tanto no romance de Paulina Chiziane *Balada de Amor ao Vento* (1990) quanto no romance *Niketché: Uma História de Poligamia* (2002) podemos perceber uma intencionalidade por parte da autora em mostrar questões que envolvem a tradição e a modernidade em convívio lado a lado. Sarnau, narradora e protagonista de *Balada de amor ao vento* (1990), faz um resgate de suas lembranças para contar ao leitor sua história e mostrar os costumes culturais de sua comunidade, como os rituais de iniciação para a socialização dos rapazes já adultos na sociedade, a preparação das moças para o casamento, rituais fúnebres, a poligamia, etc. Rami também narradora e protagonista de *Niketché: Uma História de Poligamia* (2002) conta sua história e mostra que a tradição e a modernidade estão dividindo o mesmo espaço. Portanto nossa hipótese que norteou nossa leitura destas obra é que nela Paulina Chiziane, através da ficção, apresenta questionamentos e críticas trazendo para reflexão alguns dos valores culturais representativos da tradição moçambicana. Traz para a discussão o questionando de que é possível tradição e modernidade conviverem juntas e quais os conflitos e consequências podem gerar entre a tradição e a modernidade.

Buscando compreender estas questões nos instigou as seguintes inquietações: Modernidade e tradição podem caminhar juntas sem conflitos ou não? Podem dividir o mesmo espaço? Senão uma delas terá que desaparecer?

Paz em seu livro *Signos em Rotação* (2003) no capítulo *Invenção, Desenvolvimento, Modernidade*, nos diz que a tradição não é contínua que em um dado momento ela sofre rupturas ou intervenções.

Tradição não é continuidade e sim ruptura e daí que não seja inexato chamar à tradição moderna: tradição da ruptura. A Revolução Francesa continua sendo nosso modelo: a história é mudança violenta e essa mudança se chama progresso. (PAZ, 2003, p.134)

Essa ruptura com a tradição para aceitar o moderno acontece quando as duas mulheres; Sarnau e Rami, lutam para mudar suas vidas, no entanto a tradição não é posta de lado, ela é ressignificada juntamente com as mudanças que elas, as personagens Rami e Sarnau, são obrigadas a enfrentar. Nas duas narrativas vemos as personagens vivendo entre a tradição e a modernidade, Sarnau quando foge para cidade por temer que o rei fizesse algo de mal com seus filhos, na ocasião em que a quinta esposa de seu marido a viu com Mwando, seu antigo amor, e contou ao rei, ela

rompe com seus valores, a protagonista foge por temer ao rei, constrói sua vida na cidade e tem mais dois filhos um de Mwando e outro de um senhor que também a enganara. Sarnau teve de trabalhar muito para devolver ao rei as trinta e seis vacas de seu lobolo e sua família ainda entregou a irmã de Sarnau para colocar no lugar de Sarnau.

Sarnau se prostituiu para ganhar dinheiro para ter casa e comida e acabou por se tornar uma mulher independente, mas no final perdoa Mwando e o aceita de novo, agora já velha e cansada acaba por se aprisionar novamente ao amor e a um homem, pois uma mulher sozinha não é bem vista pela sociedade e Mwando se apresenta aos filhos e diz a Sarnau que as crianças necessitam de um pai ao lado delas. Dessa maneira Sarnau acaba por se entregar novamente:

- Sarnau, as crianças precisam de um pai. E eu preciso de um homem, e deste homem que está aqui ao meu lado. Venceu-me. Atacou-me com a arma que extermina todas as fêmeas do mundo. Colocou-se ao lado dos filhos, fez a guerra e venceu. Viverá comigo. (CHIZIANE, 1990, p.149)

Sarnau enterra o passado para ser feliz e ter um homem ao seu lado e ao lado de seu filhos, pois por mais moderno que o mundo seja este e consequentemente quem nele vive continua preso as certas tradições, sobretudo em uma sociedade em que uma mulher com dois filhos e sem pai não é bem vista e fica desprotegida. Sarnau finaliza sua história com as seguintes palavras:

Enterrei o passado. Puxei o candeeiro, soprei, apagou-se. Mergulhámos na escuridão da paz, no silêncio da paz, no esquecimento de todas as coisas, naquela ausência que encerra todas as maravilhas do mundo. A solidão desfez-se. O vento espalha melodia em todo o universo. Continua a chover lá fora. (CHIZIANE, 1990, p.149)

Sarnau é vencida pelo amor e pelos filhos, mas em nenhum momento podemos dizer que rompe com a tradição para viver a modernidade do centro em que ela teve que viver para sobrevivência. Simplesmente teve que viver entre os dois mundos em busca de sua felicidade e de seus filhos.

Em *Niketche: Uma Historia de Poligamia* (2002), Rami busca solução para o seu problema na tradição, faz com que Tony assuma de uma vez a poligamia para que ela tenha sob seus olhos as suas rivais. Rami ajuda suas rivais a se tornarem mulheres independentes, donas de seus próprios negócios, capazes de se sustentar e sustentar seus filhos. Por outro lado vimos que as mulheres de Tony não os deixa por se tornarem independentes, elas o abandona porque Tony não cumpre com a tradição e continua a arrumar outras mulheres fora das regras da poligamia.

Já no final do romance, Tony por se achar ofendido por suas mulheres, pois elas em forma

de um protesto se juntaram e o convidaram para um jantar em família e nesse jantar elas o enfrentaram disseram tudo que elas tinham vontade e resolveram dormir todas juntas com Tony, contra a vontade de Tony elas o arrasta para o quarto e fazem um striptease para se despirem, Tony fica horrorizado e teme por um azar, pois a nudez feminina é considerada como mau agouro, a nudez só é permitida na penumbra, por esse motivo ele convoca um conselho para reclamar de suas esposas, elas são questionadas por de não cumprirem com seus deveres e por ter o enfrentado, um tio de Tony questiona que as mulheres já não seguem a tradição, não preparam moela para seus maridos, segundo a tradição a moela pedaço da galinha deve ser servida ao homem, e a mulher que não faz moela para seu marido é recriminada. Ao ser acusada Saly, uma das esposas de Tony se defende

dizendo:

-Tony – defende-se a Saly -, eu sirvo moelas, sim. Vou ao mercado e compro um quilo e preparo o caril de amendoim com moelas de galinha, pelo menos uma vez por semana. Todos comemos e até sobra. O que estás a para aí a dizer, Tony? Não comemos petisco de moelas no restaurante. (CHIZIANE, 2002, p.153)

Dessa maneira, vimos que a modernidade não se apresenta na obra como algo prejudicial e sim algo que convive normalmente com a tradição, inclusive, em nossa opinião, essa convivência serve para reclamar o lugar da mulher, conforme as duas obras deixam como proposta, pois a mulher, antes tratada somente como um ser inferior e incapaz, passa a construir a sua história, o seu lugar nesse mundo híbrido e controverso. A modernidade, portanto, acaba por oferecer à mulher o direito de ser independente, de buscar seus objetivos, mas isso não quer dizer que ela tenha necessariamente que romper com a tradição o rompimento aqui é uma forma de resignificar a tradição. Rami e as mulheres de Tony, no romance, mostram isso, pois se tornam independentes mesmo se submetendo a tradição da poligamia e suas regras. Mesmo Sarnau, ao ter saído do casamento e ir para um centro urbano, sente na obrigação de cumprir com os deveres tradicionais instituídos no gesto de pagar sua dívida referente ao lobolo.

Walter Benjamin em seu livro *Charles Baudelaire Um Lírico No Auge do Capitalismo* (1989), no primeiro capítulo, nos diz que a modernidade dita uma época e que acaba por se aproximar da antiguidade.

De todas as relações estabelecidas pela modernidade, a mais notável é a que tem com a antiguidade. (...) A modernidade assinala uma época; designa, ao mesmo tempo, a força que age nessa época e que a aproxima da antiguidade. (...) O exemplo da antiguidade se limita a construção; a substância e a inspiração são assuntos da modernidade. (BENJAMIN, 1989, p.80)

Benjamim nos deixa claro a relação entre a antiguidade com a modernidade, discussão esta que serve para pensarmos as obras aqui analisadas. Podemos dizer, então, que a tradição e a modernidade podem sim viver ou conviver juntas no mesmo espaço, uma respeitando a outra. Benjamin (1988, p.88) também nos diz que “a modernidade é o que fica menos parecido consigo mesmo; e a antiguidade – que deveria estar nela inserida – apresenta, realidade, a imagem do antiquado”. Chegamos a conclusão que a modernidade pode sim ser inserida na tradição e que a tradição pode sim conviver com o moderno. A modernidade veio para agregar e não para destruir. Dentro das obras analisadas percebemos que a tradição caminha lado a lado com a modernidade, mesmo trazendo muitas vezes consequências negativas a certas regras tradicionais.

Temos então a resposta da questão levantada nesta análise e concluimos que sim, os valores culturais que representam a cultura e tradição de alguns povos de África podem conviver com a modernidade que o mundo vem introduzindo na cultura tradicional de alguns povos africanos, fator marcado, sobretudo com a ocupação colonial.

Algumas palavras (quase) finais

Esta pesquisa foi realizada pelo viés dos estudos da literatura africana, trazendo uma reflexão sobre valores culturais por meio das obras *Balada de Amor ao Vento* (1990) e *Niketche: Uma História de Poligamia* (2002) da autora moçambicana Paulina Chiziane. O que buscamos compreender desde o princípio desta pesquisa, através das leituras literárias, bem como dos aportes teóricos e análise do *corpus* escolhido, como a tradição vive ou convive em meio à modernidade.

Esta pesquisa teve como suporte teórico diversas fontes bibliográficas que abordam sobre a literatura africana e os valores culturais de alguns povos africanos, os quais deram sustentação em nossa análise. Dentre outras fontes bibliográficas citamos como primordial os estudos de Ana Mafalda Leite (2003), Fábio Leite (1995/1996) e Kabengele Munanga (1984).

De uma forma geral elegemos os estudiosos citados acima pelo fato de todos terem estudos riquíssimos em torno da literatura africana e os valores culturais.

Em nossa pesquisa levantamos a hipótese de que Chiziane em suas obras busca mostrar a identidade de seu povo e através da ficção traz questionamentos e críticas sobre os valores culturais tradicionais, bem como questionamentos acerca da possível relação ou convivência entre tradição e modernidade no mesmo espaço. Em nossa análise percebemos que nas duas obras Chiziane traz por meio da ficção as marcas de um povo de tradição oral, que faz questão de lutar para que essa tradição resista ao tempo. Tais valores culturais são bem apresentados na intenção, também, de mostrar ao leitor o valor desses costumes que dão “marcas” significativas à identidade de um povo que possui uma cultura riquíssima que, muitas das vezes é julgada por falta de conhecimento. Chiziane mostra as tradições de seu povo ao buscar pelo viés da literatura fazer uma crítica a uma sociedade hipócrita que em pleno século XXI ainda é cheia de preconceitos, nos mostra que sim, é possível tradição e modernidade caminhar junto, mesmo uma sofrendo consequências, misturas e ou ressignificações conforme tempo e espaço.

Em *Balada de Amor ao Vento* (1990) Sarnau retoma o passado por meio da memória e narra sua história e ao trazer à tona suas vivências, sofrimentos e sentimentos por meio de suas reminiscências que expõe traços da cultura de seu povo através dos vários traços de valores culturais expostos e discutidos como os ritos de iniciação, lobolo, poligamia entre outros, mostrando para nós leitores, muitas vezes leigos e ignorantes dessa cultura, valores e significação que esses ritos possuem para o povo. Essa obra mostra que a modernidade aos poucos vem se

inserindo dentro da tradição, mas não para destruir e sim, de certa maneira, contribuir para um repensar crítico da condição de vida não somente do povo que vive às margens do sistema dito “moderno”, mas sobretudo da condição da mulher nesse meio.

Assim também, vemos em *Niketche: Uma História de Poligamia* (2002) a discussão desse tema ampliado por meio da personagem Rami, narradora e protagonista da obra, que conta ao leitor a angustia em descobrir que seu marido possui várias amantes e busca na tradição um socorro para seu pesadelo. Rami vive um casamento monogâmico e desiste dele para viver na poligamia na intenção de ter seu marido mais próximo ao mesmo tempo em que toma para si a responsabilidade de melhorar a condição de vida de suas rivais, mulheres que como ela são constantemente injustiçadas, muitas das vezes em nome de uma usurpação e interpretação errônea da tradição em meio a um mundo em que tudo é efêmero e que tudo tem seu valor sob o signo da tal modernidade.

Podemos perceber que em ambas as histórias, as protagonistas buscam uma melhor condição de vida e enquanto Sarnau encontra sua liberdade na modernidade deixando um casamento poligâmico fugindo para cidade em busca de sua felicidade com Mwando, seu grande amor, Rami busca na tradição a solução de seu problema. Então podemos dizer que tradição e modernidade podem viver ou (com)viver no mesmo lugar. Sabemos, no entanto, que às vezes a modernidade e tradição podem entrar em atrito, mas isso não significa que uma pessoa deve optar em viver no mundo somente da tradição ou da modernidade, pois é possível conciliar os dois mundos em um só mesmo sendo este híbrido e ramificado entre culturas diferentes.

Chiziane usa a literatura para mostrar aos homens o que eles não conseguem ver, porque a literatura tem o dom de humanizar e organizar o caos, mas não só isso, Chiziane mostra que a literatura é capaz de trazer para o campo de reflexão nossa condição no e do mundo.

Referências bibliográficas:

- BENJAMIN, Walter. "Charles Baudelaire um Lírico no Auge do Capitalismo". 1ªed. São Paulo; Brasiliense, 1989
- CANIATO, Benildes Justo. "A língua Portuguesa nos Países Africanos" In Percursos pela África e por Macau; Cotia SP: Ateliê Editorial, 2005
- COUTO, Mia. "Pensamentos textos de Opinião"; Caminho Nosso Mundo, 2004
- LABAN, Michel. "Moçambique Encontro com Escritores". Fundação Eng. Antonio de Almeida; Maputo, 1992
- LEITE, Ana Mafalda. "Literaturas Africanas e Formulações Pós-Coloniais"; Lisboa, 2003
- _____. "Modelos Críticos das Representações da Oralidade nos Textos Literários Africanos e sua Adequação no Quadro das Teorias Pós-Coloniais". Revista Via Atlântica nº8, 2005
- (idem)
- LEITE, Fábio. "Valores Civilizatórios em Sociedades Negro-Africanas". África: Revista do Centro de Estudos Africanos USP; São Paulo, 1995/1996
- _____. "A Questão Ancestral". São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2008.
- MUNANGA, Kabengele. "O Universo Cultural Africano". Revista Fundação João Pinheiro, Belo Horizonte, 1984
- CHIZIANE, Paulina. "*Balada de amor ao vento*". Lisboa: Caminho, 2003
- _____. "*Niketché: uma história de poligamia*". São Paulo: Companhia das Letras, 2003
- NOA, Francisco. "Literatura Colonial em Moçambique: O Paradigma Submerso". Revista Via Atlântica, 1999
- _____. "Literatura Moçambicana: Os Trilhos e as Margens". Rainho & Neves Lda/ Santa Maria da Feira, 2008.
- OLSON, TORRANCE, David e Nancy (org.) "A Equação Oralidade – Cultura Escrita: Uma Formula para a Mente Moderna/ Eric Havelock" São Paulo; Ática, 1995
- PAZ, Octavio. "Signos em Rotação". São Paulo; Perspectiva, 2003
- SALGADO M.T. (org) "África & Brasil: letras em laços". São Caetano do Sul: Yandis editora, 2006
- ZUMTHOR, Paul. "A letra e a voz – a literatura medieval". São Paulo: Cia das Letras, 1992.

